

**CENTRO ALPHA DE ENSINO ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE
HOMEOPATIA**

LAIS MAYUMI ARAUJO SUDA

USO DA HOMEOPATIA NA DISPLASIA COXOFEMORAL EM CÃES

São Paulo

2016

LAIS MAYUMI ARAUJO SUDA

USO DA HOMEOPATIA NA DISPLASIA COXOFEMORAL EM CÃES

Monografia apresentada a ALPHA/APH
como Exigência para obtenção do título
de especialista em homeopatia.

Orientador: Prof^a Ana Regina Torro

São Paulo

2016

Suda, Lais Mayumi Araujo

Uso da Homeopatia na Displasia Coxofemoral em Cães, São Paulo, 2016

30f.;

Monografia – ALPHA/APH, Curso de Pós Graduação em Homeopatia

Orientador: Prof^a Ana Regina Torro

1.Homeopatia 2.Displasia Coxofemoral 3.Veterinária I. Título

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, Cleide Araujo, pelo amor, pela dedicação e por sempre lutar para que eu pudesse realizar meus sonhos e dedico ao meu pai, Choje Suda, por sempre estar ao meu lado me dando forças.

AGRADECIMENTOS

À toda a minha família pelo apoio, pelos conselhos, e pelo amor durante todos esses anos.

Ao meu namorado, Renato Matuchita, pelo companheirismo e pela paciência.

A Prof. Ana Regina Torro por me orientar não só neste trabalho, mas em muitas decisões tomadas durante o curso.

A todos os professores que fizeram parte da minha formação.

RESUMO

Este trabalho é composto por uma revisão de literatura sobre a displasia coxofemoral em cães, seus tratamentos e uma abordagem dentro da Homeopatia. A displasia coxofemoral é uma afecção muito presente na clínica e ortopedia veterinária, seu tratamento pode seguir diversas linhas, por exemplo o tratamento cirúrgico ou o conservador, como a Homeopatia trata o paciente como um organismo único e não sua doença em específico, ela pode ser usada ou somada aos tratamentos de qualquer doença.

Palavras-chave: Displasia, Coxofemoral, Homeopatia, Veterinária.

ABSTRACT

The composition of this article is a literature review of hip dysplasia in dogs, its treatment and an approach within the Homeopathy. The hip dysplasia is a very usual infirmity in clinical and veterinary orthopedics, its treatment may follow several lines, for example, a cirurgical treatment or a more conservative one, like the Homeopathy, that treats the pacient as a single organism and not specifically the disease, it can be used or added to any disease treatment.

Key-words: Dysplasia, hip, Homeopathy, veterinary

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- 1.Figura 1: Anatomia da articulação coxofemoral (KONIG, LIEBICH, 2002)..11
- 2.Figua 2: Diagnóstico; raiox da articulação coxofemoral.....14

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1.OBJETIVO	10
2.REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1.Anatofisiologia da articulação coxofemoral	11
2.2.Displasia coxofemoral.....	12
2.3.Diagnóstico.....	13
2.4.Tratamento.....	15
2.5. A Homeopatia.....	16
2.5.1 A Pratica da Homeopatia na Medicina Veterinária.....	17
2.5.2. Repertorização da Displasia Coxofemoral.....	19
2.5.2.1. <i>Rhus toxicodendron</i>	21
2.5.2.2. <i>Bryonia alba</i>	23
2.5.2.3. <i>Nitric acidum</i>	23
2.5.2.4. <i>Sulphur</i>	25
3. Discussão.....	26
4. Conclusão	27
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

A displasia coxofemoral canina é uma afecção ortopédica frequente, comumente dolorosa, decorrente de instabilidade e que leva à doença articular degenerativa (SELMÍ et al, 2009).

Os quadros de displasia coxofemoral são cada vez mais comuns nos animais de companhia (BRANCO, 2011). É uma afecção que afeta principalmente cães de grande porte como São Bernardo e Pastor Alemão (FERREIRA et al, 2007, BARROS, 2008). Mas já existe relatos nos cães de pequeno porte como Lhasa Apso (BRANCO, 2011).

Os animais acometidos apresentam dor e dificuldade ou incapacidade total de locomoção (BRANCO, 2011). Caracterizada, radiograficamente, pelo arrasamento do acetábulo, achatamento da cabeça do fêmur, subluxação ou luxação coxofemoral e alterações secundárias da articulação (LUST 1997, apud TORRES 1999).

As opções de tratamento incluem cirurgias, tratamentos com regeneradores articulares e o uso de analgésicos, todos com o objetivo de minimizar a dor do animal. Há também a opção do tratamento com o uso de medicamentos homeopáticos (BRANCO, 2011).

MOTA, 2009 relata melhora no estado geral e desaparecimento da dor lesional articular em pacientes com displasia coxofemoral tratados com remédios homeopáticos, e afirma que a homeopatia se mostrou com melhores resultados que a medicina conservadora.

1. OBJETIVO

Este trabalho tem como objetivo fazer uma revisão de literatura sobre a displasia coxofemoral em cães e seus tratamentos, dando ênfase no tratamento através dos conceitos homeopáticos.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Anatomia da articulação coxofemoral (KONIG, LIEBICH, 2002).

A articulação coxofemoral é do tipo esferoidal, na qual se articula à cabeça do fêmur com a cavidade acetabular. O lábio acetabular fibrocartilágíneo aumenta a margem óssea, sem, contudo, ultrapassar o “equador” da cabeça do fêmur. Nos ungulados, nos quais os movimentos de lateralidade e torção são limitados, é possível preferencialmente um movimento de flexão e extensão, que também se expressa na forma esférica da cabeça do fêmur. Nos carnívoros, a musculatura glútea e seus respectivos ligamentos e a musculatura medial da coxa permitem uma maior liberdade de movimentos de alteridade e de torção. A cápsula articular fixa-se no lábio acetabular, sendo uma cavidade ampla, a qual recebe o ligamento da cabeça do fêmur.

Figura 1:



KÖNIG, Horst Erich; LIEBICH, Hans-Georg. **Anatomia dos Animais Domésticos**: texto e atlas colorido, 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

2.2 DISPLASIA COXOFEMORAL

A displasia coxofemoral, a mais comum alteração articular na espécie canina, é essencialmente bilateral e ocorre igualmente em machos e fêmeas (TORRES, 2005).

É uma alteração do desenvolvimento que afeta a cabeça do fêmur e o acetábulo, caracterizada, radiograficamente, pelo arrasamento do acetábulo, achatamento da cabeça do fêmur, subluxação ou luxação coxofemoral e alterações secundárias da articulação (LUST 1997, apud TORRES 1999).

A dor, com conseqüente claudicação e impotência funcional dos membros pélvico é causada inicialmente pela lassidão e instabilidade articulares, sendo observada frequentemente em animais jovens. Na fase crônica da doença, estes sinais clínicos são decorrentes do processo de degeneração secundária à incongruência articular. Tal degeneração resulta em lesões na cartilagem, microfraturas da cabeça femoral e acetábulo e processo inflamatórios da cápsula articular (Hielm-Bjorkman et al 2003 apud FERRIGNO, 2007).

A incidência dos sintomas varia entre os animais, alguns são cometidos ainda bem jovens, em outros, só se apresentara bem mais tarde. As duas formas de displasia coxofemoral canina são a aguda e a crônica. A aguda aparece mais em filhotes e se caracteriza por dor intensa na articulação e claudicação. Pode durar de semana a meses. O estágio crônico caracteriza-se por dor, diminuição da amplitude de movimento da articulação e artrite progressiva. A displasia crônica pode se desenvolver em cães de menos de um ano de idade ou levar muitos anos para mostrar sintomas (ALMEIDA, 2008).

A discussão sobre a etiopatogenia, com relação aos aspectos patológicos e de hereditariedade, ainda é atual e pertinente (MOTA, 2009).

2.3 DIAGNÓSTICO

O diagnóstico dessa doença antes de um ano de idade é importante para identificar o problema precocemente e instituir um tratamento adequado (SOUZA et al).

Os animais doentes podem apresentar claudicação uni ou bilateral, dorso arqueados, peso corporal deslocado em direção aos membros anteriores, rotação lateral desses membros e andar bamboleante (BRASS, 1989).

No exame clínico específico deve-se deslocar o fêmur em sentido craniodorsal, o membro é levado em adução, com a soldra em rotação externa. A manipulação do membro provoca crepitação ou dor, há uma falta de simetria entre a tuberosidade isquiática e o trocânter maior no lado afetado, em comparação com o membro normal (ALMEIDA, 2008).

Várias técnicas de imagem têm sido utilizadas para avaliar a displasia coxofemoral canina, dentre estas pode-se citar métodos de radiografia simples, ultrassonografia, tomografia computadorizada e ressonância magnética (SOUZA et al).

Para confirmação do diagnóstico de luxação, há necessidade do exame radiográfico, nas projeções latero-lateral e ventrodorsal (ALMEIDA, 2008).

Exame radiográfico, projeção ventrodorsal, labrador, fêmea, 8 anos. Presença de arrasamento acetabular e subluxação em ambas as articulações coxofemorais, acompanhada de osteoartrose evidenciada por proliferações osteofíticas, alterando morfologicamente os bordos acetabulares, as cabeças e os colos femorais, secundária à displasia coxofemoral de grau moderado. (laudo por Dra Jordana Ferreira)

Figura 2:



FERREIRA, J. E.; PROVET, 2016

2.4 TRATAMENTO

O tratamento da displasia coxofemoral canina, seja conservativo ou cirúrgico, representa um desafio, pois não há consenso na literatura sobre qual terapia traz melhor benefício ao animal. Muitas alternativas terapêuticas já foram propostas visando proporcionar ao paciente melhor qualidade de vida, remissão da dor e maior liberdade de movimentos (FERRIGNO et al, 2004).

Entre as modalidades de tratamento, são descritas a conservativa e a cirúrgica. O tratamento conservativo da displasia coxofemoral inclui recomendações nutricionais, controle de peso, restrição a exercícios, reabilitação física, tratamento da dor e administração de suplementos nutracêuticos (TOMLINSON, 1996).

Várias formas de tratamento cirúrgico são descritas (SELMI et al, 2009). Na denervação, as alterações mecânicas e anatômicas da displasia a artrose coxofemoral, bem como sua evolução, permanecem intactas, no entanto os pacientes operados ficam confortáveis (FERRIGNO, 2004). A acetabuloplastia promove uma reconstrução da borda acetabular dorsal, auxiliando na estabilização e aumentando a congruência da articulação coxofemoral (FERREIRA et al, 2007).

A prótese total da articulação coxofemoral representa umas das técnicas mais aceitas, no EUA e na Europa, para o tratamento cirúrgico da displasia coxofemoral severa em cães. Entretanto, ainda é pouco difundida e estudada no Brasil (MINTO et al, 2008).

Há também a opção do tratamento com o uso de medicamentos homeopáticos (BRANCO, 2011). MOTA, 2009 relata melhora no estado geral e desaparecimento da dor lesional articular em pacientes com displasia coxofemoral tratados com remédios homeopáticos, e afirma que a homeopatia se mostrou com melhores resultados que a medicina conservadora.

2.5. A HOMEOPATIA

A Homeopatia é um método terapêutico criado pelo médico alemão Samuel Hahnemann (1775-1843) no final do século XVIII e que pode ser sintetizado com as próprias palavras de seu fundador:

‘A Homeopatia é a terapêutica que consiste em dar ao doente – em pequenas doses- a substância que experimentada no homem são, reproduz os sintomas observados.’

Os fundamentos básicos estabelecidos por Hahnemann são: a obediência a Lei dos Semelhantes, o emprego de medicamentos diluídos e dinamizados, a experimentação no homem sadio e o uso do remédio único, individualizado (REAL, 2008).

Segundo o princípio de cura pelos semelhantes, substâncias que causam sintomas nos indivíduos sadios podem ser utilizadas para tratar sintomas semelhantes nos indivíduos doentes (TEIXEIRA, 2010).

Para identificar os sintomas que as substancias medicinais causavam no ser humano, a fim de aplicar esse princípio da similitude curativa, Hahnemann passou a experimentá-las em indivíduos sadios (TEIXEIRA, 2010).

Medicamentos dinamizados, diluídos e agitados em série: este tipo de preparação farmacotécnica, além de despertar poderes intrínsecos das substancias, atua em aspectos mais idiossincrásicos sem os incômodos das doses fortes (TEIXEIRA, 2010).

A homeopatia, é um modelo terapêutico empregado mundialmente que vem despertando interesse crescente de usuário, estudantes de medicina e médicos nas últimas décadas, por proporcionar uma prática segura e barata (TEIXEIRA, 2006).

2.5.1. A PRÁTICA DA HOMEOPATIA NA MEDICINA VETERINÁRIA

A utilização da Homeopatia em animais data da época em que foi testada pelo próprio Hahnemann, que medicava seus cavalos com essa terapêutica. Além dele, Guilherme Lux (1773-1849), trabalhou com medicamentos dinamizados em animais doentes de mormo com sucesso, através de conhecimentos obtidos com Hahnemann (SOUZA, 2002)

A Homeopatia prioriza o tratamento de cada organismo como único, respeitando as suas particularidades. Com base nessa premissa, a conduta do médico veterinário homeopata é a de individualizar o paciente, buscando ao máximo todos aqueles sintomas raros, estranhos e peculiares apresentados na moléstia, entendendo o que é digno de curar é o doente e não a patologia propriamente dita (SOUZA, 2002).

O sucesso alcançado na rotina ambulatorial e hospitalar vem contribuindo para afirmar a homeopatia como uma terapêutica de eleição nas diversas situações clínicas e cirúrgicas (PINTO 1998).

Historicamente, quando um proprietário vem procurar o atendimento por Homeopatia para seu animal, o faz por ter esgotado todos os recursos em alopatia (SOUZA, 2002).

Os cães são os mais humanizados dos animais domésticos, por seu contato direto com o homem desde primas eras (SOUZA, 2002).

A observação do médico veterinário inicia no primeiro contato com o animal, mesmo antes de manipulá-lo ou de iniciar a consulta com o proprietário. As atitudes e reações do animal frente um estranho, ou ambiente estranho podem demonstrar sinais/sintomas relevantes à prescrição homeopática. Por tanto, é fundamental que todos os sentidos do médico estejam em pleno funcionamento, pois muitas vezes os

sintomas mais relevantes podem surgir da observação do animal durante a consulta (MOTA, 2014)

Como na medicina tradicional, a anamnese é uma etapa de fundamental importância. Da sua perfeita realização pode resultar em 50% ou mais do êxito como médicos (CATRAN, 1986).

Na consulta homeopática, a anamnese prioriza os sintomas de comportamento do animal em questão aqueles sintomas estranhos e peculiares, sua história biopatográfica, as interações desse animal em sociedade e com as pessoas que convive (SOUZA, 2002). Os dados obtidos pela anamnese homeopática permitem a caracterização de particularidades comportamentais e afetivas dos animais, não perceptíveis pelo método terapêutico tradicional (TORRO, 2014).

Os sintomas de maior importância são aqueles que diferem do que seria normal para tal espécie, daí a necessidade do médico veterinário dominar a clínica referente à espécie com qual trabalha (MOTA, 2009).

A queixa principal é ponto e partida. Em seguida, pergunta-se quando ocorre o problema, localização, se o quadro se repete com periodicidade, posição que o animal adota, relação com o clima, o que agrava ou melhora o quadro (MOTA, 2009).

Após essa etapa, a anamnese é focada na observação dos sintomas de sede, apetite, sensibilidade térmica, em que situação os sintomas se agravam ou se suavizam (SOUZA, 2002).

O exame clínico segue todos os passos da medicina veterinária alopática, e ainda são observados detalhes pertinentes à clínica homeopática (MOTA, 2009).

Todos esses dados, somados ao diagnóstico clínico mais os exames complementares, dão ao médico veterinário homeopata subsídios para prescrever a esse paciente o seu medicamento, que cobre toda essa gama de sintomas e traduz-se como aquele que equilibrará a Força Vital desse indivíduo (SOUZA, 2002).

Após o diagnóstico do medicamento define-se a potência ou dinamização, forma farmacêutica e frequência (MOTA, 2009).

Esse animal, nos retornos à clínica, será avaliado quanto aos sintomas que desapareceram, aos novos sintomas que surgiram, às mudanças em seu comportamento, sendo essa análise baseada no prognóstico clínico dinâmico do caso. A partir dessas observações, o veterinário homeopata decidirá por troca da medicação ou pela manutenção do medicamento primeiramente recomendado (SOUZA 2002).

A cura visa a melhora dos planos físicos e mental atuais provocando, portanto, uma sensação de bem-estar que acompanha cura física (CATRAN, 1986).

2.5.2. . REPERTORIZAÇÃO DA DISPLASIA COXOFEMORAL

A análise do caso consiste na escolha dos sinais/sintomas, passagem desses para linguagem repertorial, repertorização e identificação do medicamento por similitude através da matéria médica (MOTA, 2009).

O Repertório para Médicos Veterinários foi baseado nos principais dicionários de sintomas usados no Brasil. Veio para minimizar as dificuldades dos profissionais da área na adaptação do modelo humano ao animal (TORRO, 2006).

O método da repertorização: por meio de repertório homeopáticos, ou dicionário de sintomas, comparam-se sintomas do indivíduo e aqueles característicos de cada

medicamento. Então, aquele remédio que melhor caracteriza o animal é prescrito (TORRO, 2004).

As técnicas semiológicas homeopáticas baseiam-se, sobretudo, no perfil psicossomático do paciente, sendo por isso uma ferramenta importante para permitir uma abordagem ampla e eficaz (TORRO, 2004).

Com base na descrição da displasia coxofemoral, faz-se uma repertorização da própria afecção.

Sintomas escolhidos:

1 – Coxofemoral, articulação (p.615 TORRO, 2006)

2 - Luxação, coxofemoral (p.671 TORRO, 2006)

3 - Claudicação, coxofemoral (p.613 TORRO, 2006)

4 – Atrofia do membro doente (p.607, TORRO, 2006)

5 – Exostose (p.659, TORRO, 2006)

6 – Rigidez coxofemoral (p.691, TORRO, 2006)

1/2	3	4	5	6
BELL	-	-	-	X
BRY	X	X	-	-
CALC	-	-	X	-
CALC-F	-	-	X	-

CARB-AN	-	-	-	-
CAUST	-	-	X	-
COLOC	-	-	-	X
DROS	-	-	-	-
IP	-	-	-	-
KALI-C	-	-	-	-
LYC	-	-	-	X
NIT-AC	-	X	X	-
PULS	-	X	-	-
RHUS-T	X	-	X	X
SULPH	-	-	X	X
THUJ	-	-	-	-
ZINC	-	-	-	X

Rhus toxicodendron foi o remédio que melhor cobriu os sintomas da displasia coxofemoral, porém é importante ressaltar que sintomas mais específicos, como tipo de dor, situações que agravam ou melhoram devem ser usados na repertorização.

2.5.2.1. *Rhus toxicodendron*

Rhus toxicodendron é uma trepadeira, da família das Anacardiáceas, originária da América do Norte. Esta planta tem preferência por viver em bosques com umidade,

podendo alcançar alguns metros de altura, por isso, acaba se misturando às copas de outras árvores. Têm folhas de cor verde pálido, denteadas, e nelas encontramos boa quantidade de óleo marrom-amarelado, com cheiro cáustico e penetrante, sendo seu princípio ativo reconhecido como urushiol. Com essas folhas se produz a tintura-mães de onde partimos para diversas dinamizações usadas no tratamento homeopático (BRUNINI, 2014).

Não podemos falar de *Rhus tox* sem associarmos ao indivíduo muito agitado, inquieto, que se movimenta constantemente com a direção de aliviar suas dores e seus sofrimentos (BRUNINI, 2014).

Assim como a planta tem sua toxicidade aumentada com o clima úmido, em *Rhus tox* ocorre agravação ou aparição de sintomas através de todas as formas de frio úmido: um banho frio, ar frio, esfriar alguma parte do corpo, tocar coisas frias, bebidas e alimentos frios, clima úmido e chuvoso (BRUNINI, 2014).

Esforços físicos não habituais, também podem desencadear sintomas físicos, os quais se expressam pelas dores que comumente vêm acompanhadas de rigidez (BRUNINI, 2014).

O reumatismo conseqüente ao contato com a umidade, que atinge os ligamentos, bainhas tendinosas, bolsa serosa, dando rigidez e dor que melhora à medida que vai se movimentando lentamente e com compressas quentes é associado à *Rhus tox* (CATRAN, 1986).

Nenhum medicamento, tem ação tão marcante nos tendões e ligamentos articulares como *Rhus toxicodendron* (ARAUJO).

2.5.2.2. *Bryonia alba*

Planta trepadeira da família das Cucurbitáceas, muito parecida com a videira, crescendo em bosques e pradarias. É de origem europeia, ocorre no norte da Europa, Alemanha, França, Pirineus, Espanha e norte da Itália. Utilizamos a tintura da raiz, antes da floração. A raiz tem sabor amargo e odor forte e contém um *glicosídeo*. É planta tóxica, por via oral, produzindo cólicas, vômitos, diarreia, paralisia do SNC e morte (BRUNINI, 2014).

O paciente de *Bryonia* é irritado, apresenta boca seca; sede excessiva; epigástrico sensível; fezes grandes, duras e secas; tosse seca; dores reumáticas (BRUNINI, 2014).

Dor em todos os músculos e o caráter da dor é: melhora em repouso e por pressão forte, melhora estando deitado sobre o lado dolorido, pelo frio (BRUNINI, 2014).

O caráter geral da dor é: agrava por movimento, melhora por repouso. Frequentemente indicado em injúrias de articulações, em dores articulares, quando *Arnica* falha (MOTA, 2009; BRUNINI, 2014).

2.5.2.3. *Nitric acidum*

É um líquido espumante incolor com odor que desaparece ao contato com o ar. Colore a pele de amarelo e a destrói, pois é extremamente corrosivo. Não é encontrado em estado livre, se obtém decompondo nitrato, geralmente de potássio, que é decomposto pelo ácido sulfúrico. As três primeiras diluições do ácido são feitas em água, e a partir da quarta em álcool (BRUNINI, 2014).

Ação geral do medicamento: dores perfurantes, como feitas por farpas de madeira, ardentes que agravam por água fria. Age também nas glândulas, osso e pele (LATHOUD APUD BRUNINI, 2014).

Sintomatologia: rigidez do pescoço e nuca, hipertrofia dos gânglios cervicais e axilares, dor lombar que sobe entre as escápulas, após o coito. Ruídos articulares, cáries ósseas das extremidades. Dor nas articulações com a sensação de compressão. Exostose da tíbia. Tremor e debilidade nos membros superiores e inferiores. Dores reumáticas nos membros, principalmente noite (BRUNINI, 2014).

2.5.2.4. Sulphur

Parece conter uma semelhança com todas as enfermidades, e o iniciante, ao ler sobre seus sintomas na experimentação, poderia pensar que não faz falta outro remédio, como se as imagens de todas as enfermidades estivessem contidas nele (BRUNINI, 2014).

Sulphur tem como característica um estado catarral, purulento ou não, em todas as mucosas, sendo que o banho é um fator de piora (TORRO, 1999).

Dor característica nas regiões dos rins; dores nas regiões lombares e sacrais, que piora, ao levantar. Dificuldade para levantar-se; melhora caminhando. Dores em grandes articulações; com a dor, rigidez e estalidos característicos de artrite seca (BRUNINI, 2014).

Aspecto enfraquecido, caminha encurvado como um velho e com os ombros caídos. Sempre fadigado. Não consegue se manter em pé, precisa sentar-se ou se apoiar (BRUNINI, 2014).

Agrava com o calor da casa e das cobertas; pelo repouso pela água, banhos; pela manhã. Melhora com tempo seco e quente; deitando-se sobre o lado direito; por fricções e deitando-se sobre o membro doente. Lateralidade esquerda (VANNIER, 1987 apud TORRO, 1999).

MOTA, 2009 relata sete casos clínicos de displasia coxofemoral descritos e tratados segundo princípios da medicina homeopática clássica. Em todos os casos relatados, os pacientes apresentavam diagnóstico clínico de displasia coxofemoral com sintomatologia e sem resposta a terapêutica convencional conservadora. Em alguns casos os pacientes apresentavam outras enfermidades associadas. Com o tratamento homeopático houve melhora do estado geral dos pacientes com desaparecimento da dor lesional articular, permitindo uma melhora na qualidade de vida destes animais. Nos casos apresentados a homeopatia mostrou-se com melhores resultados que a medicina convencional conservadora.

Em seu trabalho, MOTA realiza a repertorização de cada paciente, como único. Os remédios homeopáticos utilizados por ele foram: *Aurum metallicum*, em um Rottweiler, fêmea, 5 anos; *Bryonia alba* em um Fila Brasileiro, fêmea, 10 meses; *Pulsatilla* em um Pastor Alemão, macho, 8 meses; *Calcarea carbonica* em um SRD, fêmea, 11 anos; *Hecla lava* em um Rottweiler, macho, 5 anos; *Rhus tox* em um Chow-chow, macho, 10 anos; *Metallum album* em um Bordaux, macho 10 meses.

3. DICUSSÃO

Na literatura encontramos uma vasta pesquisa sobre displasia coxofemoral em cães, em sua grande maioria preconizando o tratamento cirúrgico. Há muitos trabalhos que relatam a eficácia de outros tratamentos, como acupuntura, fisioterapia e tratamentos conservadores. Porém dentro da área de Homeopatia há muito pouco relatado.

Em minhas pesquisas encontrei apenas um relato de tratamento de displasia coxofemoral com o uso de remédios homeopáticos.

A partir desse estudo e da base estudada em homeopatia, fica claro que cada animal de ser analisado como caso único. Apesar de existir um grupo de medicamentos que tem maior ação em afecções articulares, como por exemplo *Rhus toxicodendron*, não é possível afirmar que este trará benefícios em todos os casos da doença.

3. CONCLUSÃO

A Homeopatia está cada vez mais presente na Medicina Veterinária, trazendo bons resultados e muitos benefícios para os animais, a displasia coxofemoral é uma afecção muito presente em nossa clínica e novos tratamentos surgem com a evolução da medicina. Porém poucos estudos foram feitos para comprovar a eficácia da homeopatia como tratamento da displasia coxofemoral.

REFERENCIAS

ALMEIDA A. C. S.; Luxação Coxofemoral em Cães, **Biológicas**, vol1, n2, p.7, 2008.

ARAÚJO, G., NERY, C., OLIVEIRA, A., Verlangieri, R. M. M., & SILVA, M. Auto-experimentação Patogenética Pedagógica.

BARROS G. S.; VIEIRA G. L. T.; VIANNA L. R.; TORRES R. C. S.; **Frequencia da displasia coxofemoral em cães da raça Pastor Alemão**, Arq. Bras. Med Vet. Zootec., v.60, n.6, p1557-1559, 2008.

BRANCO, F.; REZENDE, P.; HOSHINO, R.; REAL, C. **Tratamento de Displasia Coxofemoral Com Uso de Medicamento Homeopático**. 2011, trabalho apresentado como pôster no 5º Congresso de Homeopatia Veterinária, Belo Horizonte, Minas Genaris, 2011.

BRASS, W.; Hip dysplasia in dogs, **Journal Small Animal Practice**, v.30, p166-170, março de 1989.

BRUNINI, C.; GIORGI M.; Rhus toxicodendron; In **Matéria Médica Homeopática Interpretada**, ed2, p.492, São Paulo, 2014.

BRUNINI, C.; GIORGI M.; Sulphur; In **Matéria Médica Homeopática Interpretada**, ed2, p.531, São Paulo, 2014.

CATRAN, R.; Critério de Prescrição, **Revista Homeopatia Brasileira online/Brazilian Homeopathic Journal (ISSN 1984-7165)**, v. 127, n. 504, 1986.

FERRIGNO, C. R.A.; DAVILA, R. S.; YAMAMOTO, E. Y.; YAZBEK, K. V. B.; FERRAZ, V. C. M.; Estudo da técnica de denervação da cápsula articular coxofemoral no tratamento da dor em cães com displasia coxofemoral: resultados preliminares. **Cirurgia de Pequenos Animais**, Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science, v.41, p169-170, 2004.

FERRIGNO, C. R. A.; SCMAEDECKE, A.; OLIVEIRA, L. M.; DAVILA, R. S.; YAMAMOTO E. Y.; SAUT, J. P. E; Denervação acetabular cranial e dorsal no tratamento da displasia coxofemoral em cães: 360 dias de evolução de 97 casos, *Pesq. Vet. Bras*, v.27, n.8, p333-340, 2007.

FERREIRA, M. P.; ALIEVI, M. M.; GOMES, C.; BECK, C. A. C.; VOLL, J.; SAI, D.; FILHO, A. P.; FREIRE, C. D. Acetabuloplastia extracapsular para tratamento de displasia coxofemoral em cão. **Acta Scientiae Veterinariae**, Brasil, v.35, p101-104, 2007.

MINTO, B. W.; BRANDÃO, C. V.; PAREIRA, G. J.; STEAGALL, P. V.; MAMPRIM, M. J.; RANZANI, J. J. Artroplastia total coxofemoral em cães. **Ciencia Rural**, Brasil, Santa Maria, v.38, p136-142, 2009.

MOTA, M. G. B.; **A Homeopatia e a Displasia Coxofemoral em Cães**. 2009, Trabalho de Conclusão de Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2009.

PINTO, L.F.; Rumos da homeopatia veterinária no Brasil. **Homeopatia Brasileira**, v.4, n.1, p. 505-506, 1998.

REAL C. M., Homeopatia populacional – Fundamentos Rutura de um Paradigma. In: **A Hora Veterinária**, vol.28, n164, p.13-20, junho/agosto 2008

SELMI, A. L.; PENTEADO, B. M.; LINS, B. T. Denervação capsular percutânea no tratamento da displasia coxofemoral canina. **Ciencia Rural**, Brasil, Santa Maria, v.39, p460-466, 2009.

SOUZA, M.F.A.; Homeopatia veterinária. In: **CONFERENCIA VIRTUAL GLOBAL SOBRE PRODUÇÃO ORGANICA DE BOVINOS DE CORTE**, vol.1; 2002.

SOUZA, A. F. A; TURUDY, E. A.; COSTA, F. S.; FIQUEIREDO, M. L.; DIOGO, C. C.; **Contribuições da tomografia computadorizada no diagnóstico e planejamento cirúrgico da displasia coxofemoral em cães**

TEIXEIRA M. Z.; **Homeopatia: ciência, filosofia e arte de curar**, Ver Med, São Paulo, v.85, n.2, p30-43, 2006.

TEIXEIRA, M. Z.; **Homeopatia nas doenças epidêmicas: conceitos, evidências e propostas**, Revista de Homeopatia, v. 73, n. 1/2, p. 36-56, 2010.

TORRES, R. C. R.; FERREIRA P. M.; SILVA D. C.; **Frequencia e assimetria da displasia coxofemoral em cães Pastor-Alemão**, Arq. Bras. Med. Vet. Zootec., vol52, no2, Belo Horizonte, abril 1999.

TORRES, R. C. S.; ARAUJO R. B.; REZENDE C. M. F.; **Distrator articular no diagnóstico radiográfico precoce da displasia coxofemoral em cães**. Arq. Bras. Med Vet. Zootec., v.57, n.1, p.27-34, 2005.

TORRO A. R.; **Repertório Homeopático para Médicos Veterinários**, ed1, São Paulo, 2006.

TORRO, A. R.; LARSSON, C. E.; BONAMIN, L. V.; Homeopatia e dermatoses por lambedura: estudo clínico, **Revista Brasileira de Ciência Veterinária**, v. 11, n. 3, 2004.

TORRO, A. R.; **Homeopatia Veterinária, Semiologia, Matéria Médica e Psicossomática**, ed1, São Paulo, Typus IBEHE Editora e Distribuidora Ltda., 1999.

KÖNIG, Horst Erich; LIEBICH, Hans-Georg. **Anatomia dos Animais Domésticos: texto e atlas colorido**, 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.